

CORPOREIDADE: UM OLHAR SOCIOESPACIAL INCLUSIVO NA VILA DOS TEIMOSOS E DAS TEIMOSAS DE CAMPINA GRANDE-PB

CORPOREITY: A SOCIAL-SPACE INCLUSIVE VIEW OF “VILA DOS TEIMOSOS (E DAS TEIMOSAS)” IN CAMPINA GRANDE-PB

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma Pesquisa do Programa de Iniciação Científica da Universidade estadual da Paraíba- UEPB, realizado no ano de 2011/2012. Nosso objetivo é descrever e analisar ações inclusivas e excludentes sobre a corporeidade e territorialidade das crianças usuárias das Escolas do Departamento de Educação Física - DEF da UEPB, e suas mães, habitantes da Vila dos Teimosos (das Teimosas), considerando atividades aplicadas nas Escolas com os/as alunos/as e nas Oficinas da Corporeidade. Trabalhamos com abordagens feministas como: Badinter(1993), Louro(2010) e Bourdieu(2010) e abordagens da corporeidade como Assmann(2005) e Merleau Ponty(1994). Sendo assim, podemos observar que o corpo é a unidade onde se entrelaçam e se misturam os domínios: físico, psíquico, biológico, cultural e simbólico. Nessa perspectiva, o corpo é concebido na sua totalidade, dotado de intencionalidade, de motricidade e de sexualidade.

Palavras Chave: Corporeidade. Território. Inclusão.

Abstract

This article presents the results of the Scientific Initiation Research Program of the State University of Paraíba (UEPB), in the academic calendar year 2011/2012. Our goal is to describe and analyze both inclusive and exclusionary actions regarding corporeity and territoriality during activities implemented in schools with students and their mothers (inhabitants of *Vila dos Teimosos (e das Teimosas)*) in the Department of Physical Education– DEF/ UEPB corporeity workshops. We worked with feminist approaches elaborated by Badinter (1993), Louro (2010) and Bourdieu (2010), and corporeity approaches such as Assmann (2005), and Merleau-Ponty (1994). We observed that the body is where physical, psychological, biological, cultural, and symbolic areas intertwine and mingle. Within this perspective, the body in its entirety is endowed with intentionality, motive, and sexuality.

Keywords: Corporeity. Territory. Inclusion.

Elyziane R. A Morais

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB. email: elyziane@yahoo.com.br

Ligia P. dos Santos

Professora da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. email: ligia.ceduc@ig.com.br

Introdução

Este artigo apresenta os resultados finais da pesquisa que realizamos nas Escolinhas do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba e da comunidade da Vila dos Teimosos, em Campina Grande-PB, no período de agosto de 2011 a abril de 2012. O artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Programa de Iniciação Científica, CNPq/UEPB, e pelo Programa de Incentivo à Pós-Graduação e Pesquisa (PROPESQ)/UEPB.

Em nosso cotidiano, sempre ouvimos falar que o ser humano é constituído por mente (razão, lógica, pensamento), sentimento (sensações, desejos, emoções) e corpo (osso, músculos, tendões, sangue etc.). Os pressupostos presentes em nossa sociedade nos ensinam a considerar o corpo menos importante. Nosso corpo traz marcas sociais e históricas, que desenvolvem questões culturais, de gênero e sociais. Essas que podem ser vistas nele.

A corporeidade implica a inserção de um corpo humano num mundo significativo, a relação do corpo consigo mesmo, com outros corpos e com o mundo. O discurso surge da corporeidade, expressando-se na percepção e no movimento. Ante o exposto, pudemos indagar durante o período da pesquisa de que modo os atores da pesquisa compreendem as questões de corporeidade articuladas à reflexão das políticas de inclusão e confronto com a realidade excludente e/ou inclusiva, frente às políticas de cidadania relativas às temáticas de deficiências, étnicas e de gênero, na comunidade em tela?

A partir disso, objetivamos descrever e analisar atividades inclusivas e excludentes sobre a corporeidade e territorialidade das crianças usuárias das Escolinhas do Departamento de Educação Física - DEF da UEPB, e suas mães, habitantes da Vila dos Teimosos (das Teimosas), considerando atividades aplicadas por discentes da UEPB, nas Oficinas da Corporeidade desenvolvidas no DEF; investigar como os saberes culturais bio-psico-sociais, relativos

à corporeidade e a territorialidade, refletem na produção de valores e saberes inclusivos e/ou excludentes da comunidade em tela, considerando o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA; descrever as atividades desenvolvidas nas Oficinas do Corpo, Arte, Literatura e Imagem, realizadas com as crianças e suas mães ou responsáveis; analisar as atividades propostas nas Oficinas, intencionado a verificação de possíveis manifestações de exclusão espacial e possíveis propostas inclusivas.

O desenvolvimento desta investigação, no contexto de uma comunidade fronteiriça, justifica-se, por sua relevância social, sendo importante considerar as vivências de instabilidade da corporeidade e território, experimentadas pelos sujeitos sociais da pesquisa, que enfrentam no cotidiano inúmeros riscos, promotores da não cidadania que dificultam o exercício dos direitos humanos *versus* a manutenção de uma ilusão de estabilidade. A vivência cotidiana de situações que ameaçam a sobrevivência permitirá visualizar o investimento social da comunidade em territórios.

Trabalhamos com diversos teóricos como Badinter (1993), Louro (2007) e Bourdieu (2010), Assmann (2005), Merleau-Ponty (1994), entre outros, para refletirmos sobre a corporeidade, de modo a vivenciarmos a relação universidade/comunidade.

A corporeidade territorial

Inicialmente, devemos saber que a corporeidade tem dimensões a serem apresentadas. A primeira é a corporeidade que é vista nos limites da ordem biológica: o corpo seria resultado do processo evolutivo como ação da natureza. A segunda dimensão coloca a corporeidade como uma ruptura do biológico através da construção simbólica: é, por assim dizer, de uma segunda corporeidade sobreposta à primeira, como fruto do imaginário individual e social. Essa corporeidade, em segunda dimensão, concretiza-se na existência de cada pessoa e na cultura coletiva (Santin, 1987).

A forma como o ser humano concebe e trata seu corpo é resultado de construções sociais e culturais que foram e continuam se modificando ao longo da história. Então, falar de corpo é desvendá-lo como produto e produtor de cultura. Analisar historicamente as raízes das concepções atuais de corpo parece-nos fundamental para entendermos suas relações com o território, foco do nosso estudo.

Podemos depreender que, nas sociedades primitivas, o ser humano dependia diretamente do seu corpo para sua sobrevivência: a agilidade, força, percepção e as reações corporais eram fundamentais na execução de atividades como a caça e a agricultura. O ser humano primitivo tinha uma relação com a natureza que o fazia identificar-se com esta de tal forma que lhe atribuía qualidades humanas. Nessa direção, Santin (1987), ressalta que o ser humano primitivo, não tendo consciência do seu corpo, confundia-se com a natureza.

Devido ao processo civilizatório e organização da vida humana através das cidades, o ser humano foi, aos poucos, modificando sua relação com a natureza e, conseqüentemente, com seu corpo, principalmente na Antiguidade. O corpo foi e é um dos principais temas de reflexão, interrogação e controvérsia. Esse antes era visto por alguns filósofos como um problema, pois era a soma de uma longa e difícil luta entre dois princípios: um relacionado com a racionalidade, o inteligível e o outro relacionado ao sensível (Blessmann, 2003).

Nesse contexto, destacamos as ideias de Platão, que de acordo com Santin (1987) foi um dos principais filósofos a falar sobre a corporeidade humana, na visão do filósofo, era evidente a ideia de distinção entre o corpo e a alma, uma vez que, esses possuem naturezas diferentes. Platão acreditava que o corpo estava ligado ao mundo dos sentidos, que sendo material era, portanto, não inteiramente confiável. Enquanto a alma estaria ligada ao mundo das ideias, por ser imortal, seria a morada da razão (Santin, 1987).

Segundo o filósofo Platão, a alma humana teria vivido a contemplação da única realidade verdadeira no mundo das ideias, lugar em que as mesmas são, pelo autor, consideradas verdadeiras, mas, por algum tipo de punição, a alma foi aprisionada no corpo. Nesse sentido, o corpo estava associado a um cárcere que aprisionava a alma. Apesar de Platão conceber o corpo dessa forma, ele também percebia a necessidade de seu fortalecimento, através dos exercícios físicos, pois, dessa forma, a alma seria preservada, distanciando-se de qualquer contaminação com o mundo dos sentidos.

A concepção de corpo como vilão e a alma como algo racional e superior marcou a Antiguidade, prevalecendo na Idade Média. As afirmações de Platão foram fortalecidas pela moralidade, por fortalecer o pensamento de que a alma para se purificar e elevar-se até Deus, exige que o corpo seja mortificado. Então, esse ato de mortificar o corpo era fundamental para livrar o ser humano de todas as más inclinações do corpo, pois esse era visto como algo pecaminoso e impuro.

Na Sociedade Medieval, o corpo era visto como território do pecado, local de confronto entre o bem e o mal, sendo as doenças também consideradas expiações dos pecados cometidos. No entanto, para o ser humano livrar-se de todos esses males que o corpo carregava, “deveria se desligar de tudo que o prendesse à sua existência terrena” (Nóbrega, 2005: 26).

Assim, durante o período denominado Idade Média, assistimos a consolidação e expansão da Igreja Católica, que exerceu o poder de controlar a vida e a mentalidade das pessoas, principalmente os simples camponeses, aglomerados de pessoas que tinham uma “fé cega”, e que viviam temendo o inferno e o diabo. A maioria das ideias e dos conceitos desta época eram elaboradas pelos eclesiásticos: homens que possuíam, acerca da mulher, uma visão dicotômica, ou seja, ao mesmo tempo em que ela era tida como a culpada pelo “Pecado Original”, imagem

associada à Eva Pecadora, ela era também a mãe imaculada representada pela Virgem Santa.

Outro aspecto relevante na instauração dos valores da Idade Média, é o pudor e a pureza em contraposição ao sexo sempre associado ao pecado. Como extensão dessa visão, ocorre a clausura dos discursos da sexualidade.

Denominar o sexo será mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. (Foucault, 1988: 21).

O modelo de conduta instaurado durante a Idade Média de pudicícia reservou ao matrimônio o usufruto do sexo que passa a ser praticado em um lugar específico e santo: o quarto do casal. A tolerância ao ilícito e pecaminoso (sexo) deve-se a necessidade de procriação. O discurso que predomina é o silêncio, uma forma de repressão que repercutirá em distorções sobre a sexualidade e corporeidade das gerações vindouras.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como também não deve existir e á menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. (Foucault, 1988: 10)

Não podemos esquecer que, no final do século XVIII, a sociedade contemporânea assistiu ao desenvolvimento da ciência e das novas descobertas biológicas que asseguram que a diferença entre homens e mulheres não é de grau/hierarquia social, mas sim de natureza biológica. O imaginário social será dominado pela dicotomia “não só os sexos são diferentes, como o são em cada aspecto do corpo e da alma, portanto física e moralmente. É o triunfo do dimorfismo radical” (Badinter, 1993: 9).

O corpo, portanto, será o suporte no qual serão

produzidas as diferenças entre homens e mulheres. As diferenças de ordem biológicas justificaram a construção do domínio do território e da ordem androcêntrica, e, conseqüentemente, a superioridade masculina no mundo social e na organização espacial-cultural.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social (Bourdieu, 2010: 18-20).

Na Era Moderna, percebemos mudanças significativas no que diz respeito ao lugar que a fé ocupava e que cedeu este lugar a razão e a compreensão pragmática de mundo.

Paralelamente a essas transformações, também verificamos o amplo desenvolvimento das ciências, o surgimento do positivismo, a expansão do capitalismo, as contribuições da física e da filosofia e a tentativa de libertar o corpo da compreensão e das influências de princípios teológicos.

Nesse contexto, observamos que uma das principais questões do ser humano moderno foi dominar a natureza, mas para isso precisaria de um fundamento seguro que lhe possibilitasse conhecer suas leis. Logo, alguns filósofos da modernidade encontraram esse fundamento na matemática, nessa ótica, por ser visto como desprovida do elemento sensível, portanto, seria a única forma de obter um conhecimento seguro e verdadeiro.

René Descartes, filósofo da Idade Moderna, um dos principais defensores dessa concepção, acreditava nas certezas advindas da Razão, mais especificamente aquelas fundamentadas na matemática. Seu método, baseado nessas ideias e também no *cogito*¹ marcou

¹ Etimologicamente a palavra *cogito*, vem do latim e significa pensamento. Foi empregada na formulação cartesiana de René

a concepção ocidental de ser humano moderno. Para ele, o ser humano existe na medida em que pensa e raciocina. Assim, a sua única certeza era da existência do eu pensante.

Segundo a concepção de Descartes, ficava evidente a separação entre o corpo e a alma, sendo que essa oposição era explicada pelos princípios de distinção entre a *res cogitans* (substância pensante) e a *res extensa* (substância corpórea).

Descartes, ao conceber o corpo como uma máquina, exclui o sentir e o agir, fragmentando mente e corpo, reduzindo o ser humano a um ser pensante, tendo a razão um lugar de destaque.

Essa concepção dualista marcou a modernidade e ainda hoje influencia nossa sociedade. No entanto, esse dualismo que vivenciamos na contemporaneidade não opõe somente o corpo à mente ou à alma. A bipolarização ocorre entre o corpo e território. É como se o homem estivesse dissociado do seu meio, alijado de elos com a materialidade do espaço que fala.

Ao analisarmos esta concepção de corpo que se constituiu ao longo da história, percebemos que ela é resultado de construções históricas e culturais. Nesse sentido, pareceu-nos fundamental explicitá-las, uma vez que, a concepção de corpo representa o ponto de partida para compreendermos o território em seus riscos e possibilidades de transformação em sua relação com corporeidade.

Assim, é pertinente esclarecermos que a concepção cartesiana de corpo não representa a percepção que polariza nosso trabalho. Nossa base epistemológica é a concepção fenomenológica segundo Merleau-Ponty (1908-1961) filósofo e estudioso da fenomenologia, que aprofundou a relação homem-mundo tendo como eixo o corpo, uma vez que, na sua concepção, esta relação é corporal.

A principal questão da fenomenologia é compreender o sentido do mundo, a partir das experiências vividas pelo ser, e do seu engajamento no mundo. Logo, entender a relação ser humano-mundo

é central para a fenomenologia que procura descrever a experiência vivida tal como ela é, tendo em vista a sua essência, em seus verdadeiros significados, descrevendo os fenômenos em si mesmos.

Nesse sentido, o corpo é uma unidade em que se entrelaçam e se misturam os domínios: físico, psíquico, biológico, cultural e simbólico. Nessa perspectiva, o corpo é concebido na sua totalidade. Um corpo vivo, presente, em movimento, dotado de intencionalidade, de motricidade e de sexualidade.

Ao referir-se ao corpo, Merleau-Ponty (1971: 269) afirma: “Ele é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade ao mesmo tempo em que liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado.”

Por mais que deva parecer óbvio, a história do ser humano só é possível porque estamos no território através de um corpo, e somente com ele, fomos capazes de empreender conquistas, pensar, engendrar revoluções, enfim, realizar os eventos. É o corpo que torna real as ações, sonhadas ou ocorridas por ação do acaso, e dá sentido aos fatos. Diferente de outros animais, o gênero humano é capaz de criar uma ordem de existência que não é simplesmente natural física e biológica. Essa ordem é a ordem simbólica (Chauí, 2000).

Desse modo, identificamos, na cultura, esse “território” de invenção da ordem simbólica, que nela e por ela os seres humanos imprimem significações à realidade. Nessa abordagem, o território real- a favela- se manifesta através do subjetivo – a corporeidade dos habitantes, seja das crianças e/ou dos familiares. O território serve como o fantástico elo entre os corpos e o universo da cultura, posto que:

A cultura refere-se aos modos de vida dos membros de uma sociedade, ou de grupos pertencentes a essa sociedade; inclui o modo como se vestem, as suas formas de casamento e de família, os seus padrões de trabalho, cerimônias religiosas e atividades de lazer. [...] aspectos das sociedades humanas que são aprendidos e não herdados. Esses elementos da cultura

Descartes “Cogito Ergo Sum”- Penso, logo existo.

são partilhados pelos membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. [...] A cultura de uma sociedade engloba tanto os aspectos intangíveis – as crenças, as idéias e os valores que constituem o teor da cultura – como os aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo (Giddens, 2001: 22).

A cultura produzida pela humanidade como um todo se refere à dimensão de conhecimento de uma sociedade, num determinado território. Engloba aspectos da vida social, coletiva, resultando numa construção histórica extremamente complexa.

A corporeidade diz respeito aos hábitos alimentares, leis, organização familiar e instituições, relação com o sagrado, modos de expressão dos sentimentos e emoções, enfim, com a relação humana com a territorialidade.

Assim, os territórios são complexos, contudo todos têm, pelo menos, parte da identidade cultural que reflete os símbolos do processo cultural da corporeidade daqueles e daquelas que naquele território habitam.

O território da Vila dos Teimosos (das Teimosas) pode ser mais adequadamente definido pela ideia de fronteira, posto que, o território ocupa uma linha invisível social em que se articulam experiências de exclusão e de inclusão da posse da terra. As crianças e seus familiares, em especial neste projeto, com destaque para as mães, que são habitantes desse espaço fronteiro. O fato de destacarmos as mães repousa na ideia de que são elas, que com maior intensidade, participam da manutenção da posse da terra. Conforme pesquisas iniciais, a maioria das famílias da Vila dos Teimosos (das Teimosas) são chefiadas por mulheres, além das mesmas se fazerem mais presentes na educação dos filhos e filhas, por isso, o termo acrescido entre parênteses: (das Teimosas). Some-se a tal realidade o fato de que a Secretaria de Políticas para Mulheres recomenda que ocorram investigações para mapear as famílias lideradas por mulheres que se encontram, a um só tempo, excluídas de um território social dos direitos

humanos, e de suas formas de organização, mas incluídos, às vezes, de modo perverso, em espaços-entre, de intersecção em suas formas inovadoras de sobrevivência e sociabilidade, em nosso olhar em múltiplas corporeidades emergentes.

Na Vila dos Teimosos (das Teimosas), os problemas habitacionais decorridos do efeito específico da situação de pobreza e exclusão encontram-se incorporados no cotidiano das famílias. O tipo de construção dos imóveis em que residem essas famílias é suficiente para que se tenha conhecimento das condições insalubres e subumanas de habitação, assim:

[...] o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o “Mundo” necessita da mediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o “Mundo” escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. (Santos, 2006: 43)

Assim sendo, fez-se necessário a elaboração desta estratégia de investigação, pensando o território da Vila dos Teimosos (das Teimosas) como um corpo interligado no território da UEPB, em busca de espaços de construção de saberes pró-direitos humanos e exercício da cidadania.

Percurso metodológico

Os sujeitos dessa pesquisa foram às crianças que frequentam as Escolinhas do DEF e suas mães. Sendo assim, adotamos a metodologia colaborativa e transformadora, visando o compromisso e a transformação social no contexto do território da Vila dos Teimosos (das Teimosas).

A pesquisa, inicialmente, consistiu-se de uma consulta bibliográfica, que é caracterizada por sanar dúvidas. Estudamos abordagens feministas como: Badinter (1993), Louro (2010) e Bourdieu (2010) e abordagens da corporeidade como Assmann (2005)

e Merleau-Ponty (1994), entre outros. Em seguida, observamos a dinâmica das Escolinhas e das mães e responsáveis pelas crianças no acompanhamento às aulas, dando continuidade, aplicamos questionários com as mães e responsáveis.

Através dos questionários, pudemos traçar o perfil dessas mães e conhecer a realidade em que estão inseridas. O questionário contemplou diversos aspectos a serem investigados como: profissões, grau de escolaridade, se são mulheres chefes de família, entre outros. Esta pesquisa foi de natureza qualitativa, pois tem como características, segundo Alves (2003), a procura de captar a situação; procura o significado do problema; colhe informações; e constrói cada ponto da pesquisa.

Para colher os dados, utilizamos a história oral temática, cujo foco se referiu a participação feminina e infantil da corporeidade frente o território. Buscamos das mães e crianças questionar o movimento de organização do espaço social, no resgate da história da Vila dos Teimosos (das Teimosas), e da inserção das mulheres como sujeitos sociais que o organizaram. Tivemos encontros nos quais podemos aplicar as entrevistas com as mães inserindo questões mais específicas, de acordo com a necessidade de obter maiores esclarecimentos sobre os aspectos levantados sobre corporeidade e questões inclusivas/excludentes. As entrevistas tiveram como objetivo “colher dados relevantes de determinadas fontes ou pessoas, em contato direto do pesquisador com os sujeitos da amostra” (Mattos, 2004: 37).

Finalizadas a análise e interpretação dos dados, confrontamos com a bibliografia em que refletimos sobre os resultados obtidos e os objetivos e finalidades de nossa pesquisa.

Nessa pesquisa, a observação de campo foi priorizada, tendo-se incluído o método da História Oral (Amado & Ferreira, 2002) que permite a captação do não explícito, da singularidade, pela importância de ouvir os sujeitos sociais que poderiam remontar sua história e redescobrir

novos modos de interpretação da vida a partir do distanciamento e retorno.

Nos encontros realizados com as mães, pudemos traçar as questões norteadoras das Oficinas da Corporeidade em consonância com os objetivos da pesquisa. Iniciamos as Oficinas do Corpo com as crianças das Escolas do DEF e com as mães e responsáveis dos infantes. Fizemos, primeiramente, três oficinas: 1. Oficina sobre a Prevenção as Drogas; 2. Oficina: A importância do Esporte para o Corpo; 3. Oficina: Inimigos Virtuais.

A partir dos resultados, pudemos concluir, através das Oficinas sobre a corporeidade, que para desvendar *os silêncios, o não dito* através das mensagens do corpo, presente no movimento das danças, nas telas através da criação da arte, há um longo caminho a ser percorrido, por isso, é preciso refletir sobre os valores da corporeidade e territorialidade numa versão ética, compromissada com a ecopedagogia planetária e com a cidadania.

Resultados

As Escolinhas do Departamento de Educação Física-UEPB atendem crianças na faixa etária de 5 a 16 anos de idade. Elas funcionam nos dois turnos, manhã e tarde, e oferecem aulas de judô, karatê, dança, futebol, futsal e natação.

Durante nossa pesquisa, as observações foram de extrema importância para conhecer e se familiarizar com os sujeitos da pesquisa e além de também conhecer o território onde eles interagem e se relacionam. Pudemos notar como os corpos se expressam no cotidiano de forma contextualizada, ele atrai o olhar do outro e é atraído para ele; o pensamento, a emoção, a dor, o prazer, tudo encontra, no corpo, sua origem e sua manifestação.

Na aplicação dos questionários, fizemos um levantamento do nível de renda, condições de moradia, composição familiar, escolaridade, profissão etc., informações essas que acrescentaram o universo

de informações. Nas entrevistas semi-estruturadas, fizemos uma leitura inicial das mães das crianças das escolinhas e pudemos fazer um estudo exploratório sobre as noções que elas tinham sobre corporeidade, territorialidade, gênero, cidadania. Nas reuniões, pudemos introduzir esses conceitos e os objetivos da pesquisa para as mesmas, para enfim caracterizá-las.

Percebemos, durante as entrevistas, a partir das respostas das mães e em nossas observações, nas aulas das crianças, nas escolinhas, que o corpo é capaz de fabricar gestos, de conferir significados e de criar hábitos, ele se movimenta no espaço e é dinâmico em suas relações. Segundo Merleau-Ponty (1999: 161): “Um movimento é aprendido quando o corpo o compreendeu, ou seja, quando o incorporou ao seu mundo, e mover o corpo é visar, através dele, as coisas...”.

Podemos ver, a partir do discurso de uma mãe, o quanto os corpos são marginalizados e, para elas, não tem valor no dia-a-dia, mas é interessante verificar também o quanto elas tentam preservar e proteger o corpo dos seus filhos/as, mesmo que isso signifique esquecer e desprezar o seu sonho de vivenciar a parceria:

Eu moro sozinha com minha filha e tive alguns companheiros, só que agora prefiro ficar sozinha com minha filha, pois ela está virando uma mocinha e quando estava com meu último companheiro, ele tinha 60 anos, e ele ia deixar ela na escola, à tarde, minha filha me contou que, no caminho da escola, ele pediu um beijo a ela na boca. Mandei ele embora e não quero mais homem comigo, colocando minha filha em risco. Prefiro ficar só.

Percebemos que todas as entrevistadas, não tinham noção sobre o que era corporeidade e de como o corpo se expressa através das situações. Quanto a situações excludentes, todas enfatizaram não vivenciar situações de exclusão, mas algumas afirmaram sofrer por serem mães solteiras, além de ter uma carga muito pesada de trabalho, tendo de cuidar dos/as filhos/as e sustentá-los/as sozinhas.

Embora não percebam, os corpos são marcados

pela dominação. Os modelos corporais, construídos imóveis nas escolas são frutos de alienação e se veem presos a modelos impostos pelas sociedades que são aceitos e disseminados.

O discurso que afirma a naturalidade da discriminação está de tal forma internalizado, que é difícil à própria mulher romper com a imagem de desvalorização de si mesma por ela introjetada. Ela aceita como natural sua condição de subordinada. Vê-se assim, através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina (Alves & Pitanguy, 1985: 56-57).

Introduzimos o conceito de corporeidade para as mães, num primeiro momento, conforme nos ensinam Moreira & Simões (2006: 18), que pensam a corporeidade é “existencialidade na busca de compromissos com a cidadania, com liberdade de pensar e agir, conscientes dos limites desse pensar e agir”.

Nas Oficinas, pudemos analisar vários aspectos e discutir vários temas sobre a corporeidade. Na primeira Oficina, sobre a Prevenção do Uso de Drogas, pudemos debater como esses entorpecentes agredem e modificam o corpo. Conscientizando que o corpo traz as marcas de sua história, sonhamos com corpos, projetamos em corpos, os arquétipos manifestam-se como corpos.

Segundo Assmann (2005) um corpo é dotado de plasticidade, mobilidade, elasticidade. Esse corpo, já algum tempo, presta-se ao serviço e é força de trabalho, é um corpo útil que se destina a cumprir funções regulares no mercado de trabalho.

Na segunda Oficina, trabalhamos com as crianças “Esporte, saúde e corpo”, pudemos mostrar as crianças como é importante o cuidado com o corpo do atleta, já que, nas Escolinhas do DEF, eles praticam várias modalidades de esportes, e puderam vivenciar experiências de atletas famosos que são exemplos de esforço, de disciplina, como Marta (jogadora de futebol), Pelé (rei de futebol), Ayrton Senna (piloto de Fórmula 1), Maria Lenk (1ª mulher nadadora a participar de uma Olimpíada), Oscar (jogador de

futebol), entre inúmeros outros/as. E outros atletas que fizeram mal uso de seus corpos e sofreram as consequências da falta de respeito com seu corpo, sua morada, como por exemplo, o jogador Manuel Francisco dos Santos, “o Garrincha”, jogador de futebol brilhante que se destruiu pelo vício da bebida, fato que lamentamos.

A prática de esportes é de extrema importância para o ser humano, ela ajuda-nos a nos manter saudável, o esporte nos leva a adentrar no universo corporal, abrindo janelas para dentro e para fora como diz Freire (1997), é explicar, sentir, vivenciar a corporeidade, no aqui e no agora, entendendo o passado e projetando o futuro.

Na terceira Oficina, trabalhamos a questão da Corporeidade e o Perigo da Violência Virtual, do uso do virtual e real, em que pudemos, através de uma peça teatral intitulada “Chapeuzinho lilás e a Mala da Vovó”, que foi apresentada às crianças e as suas mães, na quadra do Curso de Educação Física, para mostrar os perigos que a *internet* pode trazer com o mau uso da imagem nas redes sociais e os perigos dos “sujeitos virtuais”, que por trás de imagens de pessoas “inocentes”, podem ser aproveitadores, pedófilos a procura de crianças, com a intenção de abusá-las ou usar a imagem de seu corpo para pornografia.

Durante a oficina, alertamos às crianças a observarem a maneira que elas utilizam suas imagens na *internet*, com que tipo de roupa elas se apresentam no ambiente virtual, e como a *internet* pode ser utilizada de um modo educativo e não destrutivo.

As mães, que também participaram da oficina, acompanharam e participaram do debate além de mostrarem bastante interesse no assunto proposto, na oficina e na importância da educação corporal. “Advogar uma educação corporal é lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que sua complexidade estrutural, o homem pode ser fisiológico, biológico, psicológico e antropológico.” (Wagner & Moreira, 1995: 28-29).

A partir dos resultados obtidos, pudemos afirmar

que o campo da corporeidade necessita ser explorado e debatido. Pois, no território em que adentramos, ficou-nos claro que a ideia de corpo, ou melhor, de corporeidade era errônea, pois, o corpo era visto como algo inferior à inteligência e percebido apenas como ossos e músculos. Reconhecemos, a partir das leituras bibliográficas, que discutir a corporeidade, na atualidade, necessita de responsabilidade para não enveredar por outros temas. Víamos antigamente a corporeidade como algo pronto, podendo nos levar, mais uma vez, a interpretações erradas sobre o corpo. A corporeidade deve ser apresentada como algo apreciável, de forma a nos aprazer, desafiando criatividade e imaginação (Ribeiro, 2007).

Nas Oficinas, pudemos trabalhar com as mães e crianças a equidade de gênero, a corporeidade, a igualdade, como também podemos falar do corpo de uma forma mais completa dando ênfase a liberdade que o corpo pode trazer se for utilizado de uma maneira saudável e as obrigações e limites que temos de ter com ele, pois, a escola, segundo Louro (2010: 58):

A escola delimita espaços. Servindo de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informar o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros... aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

As pessoas utilizam o corpo de inúmeras formas, podendo se comunicar por meio do movimento, na forma de expressar, da fala, do olhar, do toque, em suma, trabalha com o corpo de inúmeras maneiras. Todas essas possibilidades caracterizam os seres pensantes que somos nos adaptando às mais diversas situações.

Com esses resultados, pudemos concluir que a corporeidade adentra no universo territorial ao longo dos tempos. O ser humano que produz cultura e história, ao mesmo tempo em que se modifica através dela, é modificado no seu ser e no mundo.

“Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. É o sopro que virou verbo e encarnou-se. É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo, sendo modificada por essa história e por essa cultura” (Moreira & Simões, 2006: 74).

É notório que a Corporeidade dentro do território das relações inclusivas/excludentes dentro do território precisa ser trabalhada de forma eficaz, para que haja modificação do pensamento errôneo que se tem sobre a corporeidade ou melhor sobre o corpo, e como ele pode ser trabalhado, quando o corpo é bem tratado e valorizado ele se torna instrumento de transformação de relações sociais equânimes.

Considerações finais

Conseguimos, com esta pesquisa, criar um viés na história da corporeidade com base no estudo bibliográfico, nas observações, entrevistas, encontros e oficinas realizadas junto nas Escolinhas do DEF e mediações do curso de Educação Física com os envolvidos na pesquisa.

Com a análise dos dados e os resultados obtidos, pudemos ampliar o nosso conhecimento acerca dos estudos sobre a corporeidade e também ao longo do percurso metodológico desmistificar ideias equivocadas sobre o corpo e seus usos. O corpo é moldado pela cultura de cada pessoa, bem como sua maneira de ser e agir no seu meio. A sociedade impõe

regras e limites ao corpo, aplicando-lhe proibições e interferindo no modo de andar, falar, vestir, alimentar, sentir, bem como na prática dos exercícios físicos, dos esportes.

Ao longo da pesquisa, pudemos afirmar que a corporeidade é movimento, é estar presente, é se expressar, é viver. As atividades vivenciadas pelas pessoas se refletem nos corpos, seja de forma positiva ou negativa, por esse motivo, a consciência corporal é de extrema importância, pois leva ao autoconhecimento e a própria consciência.

Este trabalho nos levou a compreender e debater a favor de práticas mais saudáveis na vida das pessoas como a prática de esportes. O aprendizado dos esportes de forma saudável leva os sujeitos sociais a se compreender e compreender os outros de forma total. As oficinas foram importantes para adentrar nos espaços de desigualdades encontrados na comunidade em tela, e verificar como acontecem as relações sociais entre os sujeitos da pesquisa.

As atividades realizadas mostraram a valorização das diversidades e das diferenças. A corporeidade territorial está presente em todo lugar, sempre se transforma e é transformado na história, porque somos sujeitos sociais sempre em transformação e transformando, porém devemos fazer um uso saudável do corpo, para melhor se movimentar, agir, falar, tocar, sentir.

Referências

- ALVES, Magda. (2003). *Como escrever teses e monografias*. Rio de Janeiro-RJ: Campus.
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. (1985). *O que é feminismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). (2002). *Usos & abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.
- ASSMANN, Hugo. (2005). *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3. ed. Piracicaba: Unimep.
- BADINTER, Elizabeth. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- BRASIL, *Estatuto da criança e do adolescente*. (1990). São Paulo: Cortez, 181p.

- BLESSMANN, Eliane Jost. (2003). *Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BOURDIEU, Pierre. (2010). *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CHAUÍ, Marilena. (2000). *Convite à filosofia*. 1ª Ed. São Paulo: Ática.
- FOUCAULT, Michel. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- FREIRE, João Batista. (1997). *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione.
- GIDDENS, Anthony. (2001). *Sociologia*. Tradução de Alexandra Figueiredo. Lisboa: Polity Press.
- LOURO, Guacira Lopes. (2010). *Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MATTOS, Mauro Gomes de & NEIRA, Marcos Garcia. (2004). *Educação Física Infantil: Construindo o movimento na escola*. Guarulhos-SP: Phorte.
- MERLEAU Ponty, Merleau (1994). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1971). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1999). *A prosa do mundo*. Paris: Gallimard.
- MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina. (2006). “Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a Educação e para a pesquisa”. In: DE MARCO, Ademir (org.) *Educação Física: Cultura e Sociedade*. Campinas-SP: Papyrus. p. 64-78.
- _____. (1995). *Corpo Presente*. Campinas, SP: Papyrus.
- NÓBREGA, Petrucia da Nóbrega. (2005). *Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: Edufrn.
- RIBEIRO, Jean Carlo. (2007). *Paidéia: a iniciação esportiva a partir da corporeidade*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Metodista de Piracicaba.
- SANTOS, Milton. (2006). *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec.
- SANTIN, Silvino. (1987). “Em busca da filosofia do corpo”. In: _____. *Educação Física: Outros Caminhos*. Porto Alegre: EST. p. 112-123.